

III SEMANA DO CONHECIMENTO

Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:

Resumo

Relato de Caso

REVISTA VEJA E A DITADURA MILITAR: uma análise semiológica.

AUTOR PRINCIPAL: Alan Asturian.

CO-AUTORES: Marcos Jovino Asturian.

ORIENTADOR: Dra Claudia Stumpf Toldo Oudeste.

UNIVERSIDADE: Universidade de Passo Fundo - UPF.

INTRODUÇÃO:

A mídia participa de forma ativa na construção da realidade, (in)formando-nos. Para Rubim (2000), os meios de comunicação têm o poder de expor ou velar um determinado fato. Algumas vezes incita o receptor com constantes informações; outras vezes, camufla os fatos, deixando-o em uma situação de conforto. Dessa forma, a mídia agenda as notícias.

As capas de revistas, jornais entre outras, pela linguagem verbo-visual, apelativa e cativante, cumprem muito bem a função de transmitir uma visão prévia dos assuntos que serão tratados. Tal visão faz com que os leitores de antemão assumam um posicionamento axiológico diante dos fatos que virão a ser apresentados.

Para esta análise nos serviremos da Teoria Enunciativa de Benveniste, principalmente em seus estudos contidos no texto *Semiologia da Língua* (1969), que contém reflexões acerca do papel da língua enquanto sistema semiológico por excelência, pois possui a capacidade de tudo interpretar, até a si própria.

DESENVOLVIMENTO:

As capas, caracterizadas pela utilização constante da linguagem verbo/visual, são - na concepção bakhtiniana (1997, p. 279) - gêneros discursivos vinculados aos aspectos sociais e históricos que possuem aspectos peculiares, tais como “conteúdo temático, estilo e construção composicional”.

Tais capas pertencem à esfera midiática que é detentora de um status de objetividade. Elaboradas pelas equipes de editoração, elas constroem cenas enunciativas, dirigindo-se a um tu leitor, objetivando convencê-lo do certo e do errado.

III SEMANA DO CONECTIVISMO

3 a 7 DE OUTUBRO
2016

Quanto à cena enunciativa, por destacar seu aspecto semiológico, recorreremos aos estudos do linguista francês Émile Benveniste. Dentre seus textos nos embasaremos naqueles que de forma profícua contemplam os fundamentos enunciativos, necessários para analisarmos as capas de revistas.

O texto *Da subjetividade na linguagem* (1958), é responsável por situar o sujeito na língua, apresentando as noções de pessoa eu e tu, e a não-pessoa ele. A linguagem e a experiência humana (1965), traz noções de instauração da subjetividade, quando apresenta a categoria de tempo, físico, crônico e linguístico. A forma e o sentido na linguagem (1966/1967), são apresentadas as noções gêmeas de forma, modo semiótico/significar e sentido, modo semântico/comunicar. No texto *Semiologia da língua* (1969), são realizadas reflexões que dão lugar de destaque a língua entre os sistemas de signos, por possuir uma dupla natureza (semântico/semiótico).

Pretendemos analisar uma capa da Revista *Veja*, publicada em 1969, para Coggiola (2001), um dos períodos mais violentos da Ditadura Militar. Em agosto de 1969, quando o general Costa e Silva sofreu um derrame, uma junta militar assumiu o controle do país, bem como acelerou a escalada repressiva (FICO, 2004). Em outubro daquele ano, assumiu o poder o general Emílio Garrastazu Médici, iniciando o período de maior repressão do regime militar no Brasil.

Nesse período a Revista *Veja* publica uma revista que apresenta em sua capa uma imagem de terror dos “opositores” do regime totalitário que estava instaurado no Brasil. A linguagem visual é interpretada pelos elementos verbais, assumindo o sentido desejado pela revista.

Quanto à enunciação, percebemos os condicionadores da subjetividade e da intersubjetividade presentes, quando a revista (diretores, jornalistas) assume a condição de eu, remetendo a um tu (leitor), a imagem depreciativa e criminosa dos opositores que assumem a função de ele (não-pessoa/assunto).

O tempo cronológico de 1969 é atualizado pelo tempo da língua, a cada nova instauração do discurso. Além disso, a forma que compõe e se apresenta na capa ganha sentido no ato enunciativo. Por fim, nas reflexões benvenistianas, a língua por possuir uma dupla natureza (semiótico/semântico) é possuidora da capacidade de interpretar qualquer sistema sógnico, bem como se autointerpretar. Tais conceitos favorecem a análise da imagem presente na capa que assume sentido apenas quando interpretada pelo verbal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A capa de revista detém grande importância para a esfera jornalística, cativa e direciona o leitor. Esse gênero e os objetivos midiáticos são fatos da sociedade que foram interpretados pela/da língua, sistema semiótico por excelência, interpretante de todos os sistemas, da sociedade, e do homem.

Pretendemos apresentar a função primordial da língua, como ela forma a base para todas as nossas relações e nos enriquece como sujeitos sócio-culturais, projetados em um determinado tempo e espaço.

REFERÊNCIAS:

III SEMANA DO CONHECIMENTO

3A / DE OUTUBRO
DE 2016

BAKHTIN, M. M. Estética da criação verbal. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BENVENISTE, E. Problemas de Linguística Geral I. Campinas: Pontes, 2005.

_____, E. Problemas de Linguística Geral II. Campinas: Pontes, 2006.

COGGIOLA, O. Governos militares na América Latina. São Paulo: Contexto, 2001.

FICO, C. Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar. Rio de Janeiro: Record, 2004.

RUBIM, A. A. Comunicação e política. São Paulo: Hacker, 2000.

NÚMERO DA APROVAÇÃO CEP OU CEUA (para trabalhos de pesquisa): .

ANEXOS: